



GT 001. A antropologia da morte: perspectivas etnográficas em diálogo.

Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergipe) - Coordenador/a, Thiago Zanotti Carminati (Universidade Regional do Cariri) - Coordenador/a

A importância dos estudos sobre a morte é inegável. Nem sempre teve a atenção adequada esse fato universal. Aos poucos, surgem estudos especializados em vários domínios do conhecimento. A morte é um fenômeno físico, social e cultural e desperta muita curiosidade. Um acontecimento, experienciado, vivido de múltiplas formas que implicam os vivos na situação de observadores da morte do outro. Mas há também a não-morte: a carne morre, mas a pessoa vive. A atual proposta, considerando a diversidade de enfoques sobre o fato, objetiva acolher e discutir trabalhos transdisciplinares, sendo que o diálogo com a antropologia é fundamental. Estudos comparativos também são bem vindos, e os enfoques deverão questionar e contextualizar as teorias hegemônicas ocidentais sobre a morte. Preferência ser dada a etnografias que versem sobre a temática, em situações como o suicídio, a morte por desaparecimento, o falecimento como resultado de doenças, a morte misteriosa, o infanticídio, o assassinato, o feticídio e os rituais religiosos ligados; enfim, morte como ligada a contextos políticos, sociais, biológicos e culturais.

Estratégias Coletivas diante da morte: Associações Funerárias e mecanismos de entreatajuda no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses

Autoria: Maristhela Rodrigues da Silva, Benedito Souza Filho

Os eventos associados às situações de morte podem ser entendidos como expressão de solidariedade múltipla e de defesa da autonomia das famílias que formam as comunidades do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM). Antes mesmo da criação dessa unidade de conservação de proteção integral, muitas famílias já viviam no Parque, consolidando um modo de vida, bem como organização econômica, social e cultural específicas. Entre as várias especificidades dessas comunidades tradicionais podemos observar formas de organização, como as “associações funerárias”, criadas para responder às necessidades materiais e cerimoniais em torno da morte. As Associações Funerárias referem-se a um modelo organizacional formado pelas famílias residentes em diferentes localidades no PNLM para fazer frente as despesas relacionadas aos chamados acontecimentos (como denominam as situações de morte). Cada associado contribui com uma quantia entre 3 a 5 reais e o montante transforma-se em fundo destinado a cobrir todos os itens indispensáveis aos rituais funerários. Essas formas de associação, além de romper com antigas dependências do poder local, funciona como elemento de autonomia das famílias que integram tais associações. O modo como as associações funerárias se estruturam, e a disposição dos seus integrantes por várias localidades espalhadas em diferentes setores do PNLM, configuram o que denominamos de “territórios de solidariedade múltipla”, caracterizados por perímetros específicos ou intercruzados, consolidados a partir de um conjunto de regras ancoradas em princípios morais, econômicos, jurídicos e simbólicos. Na caracterização desses territórios de solidariedade múltipla o trabalho procura dar conta desses mecanismos de entreatajuda, da lógica da ação coletiva e dos mecanismos de solidariedade apresentados pelas Associações Funerárias no PNLM.



Realização:



Apoio:



Organização:

